

**MATTHEW QUIRK**

**OS  
500**

Tradução  
ANA BAN

**pa — ra — e — a**

Copyright © 2012 by Rough Draft, Inc.

Edição publicada em acordo com a Little, Brown and Company, Nova York, Nova York, EUA. Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The 500

CAPA Ploy Siripant

FOTO DE CAPA Tim Robinson / Millennium Images, UK

PREPARAÇÃO Juliane Kaori

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Vivian Miwa Matsushita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Quirk, Matthew

Os 500 / Matthew Quirk ; tradução Ana Ban. — 1<sup>a</sup> ed. —  
São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: The 500.

ISBN 978-85-65530-33-0

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana I.

Título.

13-05408

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura norte-americana 813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparalela.com.br](http://www.editoraparalela.com.br)

[atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br](mailto:atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br)

# Prólogo

Miroslav e Aleksandar saíram apressados dos bancos da frente do Range Rover que estava parado do outro lado da rua. Usavam o uniforme diplomático de costume — terno Brioni escuro de corte bem justo — e pareciam mais irritados que o normal. Aleksandar ergueu a mão direita o suficiente para que eu tivesse um vislumbre de sua pistola Sig Sauer. Esse Alex é mesmo um mestre da sutileza. Mas a minha maior preocupação não era com os dois brutamontes que estavam no carro. A pior coisa que eles podiam fazer era me matar e, naquele momento, essa parecia ser uma das minhas melhores opções.

O vidro da janela de trás baixou e lá estava Rado, olhando fixamente e com ódio para mim. Ele fazia suas ameaças com um guardanapo de pano: ergueu o tecido e limpou de leve os cantos da boca. Era chamado de Rei de Copas porque, bem, comia o coração das pessoas. Pelo que eu ouvira dizer, ele tinha lido um artigo na *The Economist* a respeito de algum guerrilheiro da Libéria de apenas dezenove anos que gostava de comer carne humana. Rado decidiu que esse tipo de perversidade lhe daria a marca criminal necessária num mercado já tão populoso, de forma que adotou o hábito.

Eu nem estava assim tão preocupado com a possibilidade de ele devorar meu coração. Isso costuma ser fatal e, como eu disse, iria simplificar — e muito — o meu dilema. O problema é que ele sabia de Annie. O fato de eu poder provocar a morte de mais uma pessoa querida por causa dos meus erros era uma das coisas que faziam o garfo de Rado parecer a solução mais fácil.

Acenei com a cabeça para Rado e comecei a caminhar pela rua. Era uma linda manhã de maio na capital da nação. O céu parecia ser de porcelana azul. O sangue que tinha empapado a minha camisa estava secando, rígido e áspero. Meu pé esquerdo se arrastava no asfalto. Meu joelho

estava inchado, do tamanho de uma bola de rúgbi. Tentei me concentrar no joelho para desviar o pensamento do ferimento no peito porque, se pensasse sobre isso — não tanto na dor, mas na situação absolutamente apavorante —, com certeza acabaria desmaizando.

Quando me aproximei, observei o prédio de escritórios, elegante como sempre: uma mansão federativa de três pisos, ambientada no bosque de Kalorama, entre embaixadas e chancelarias. Era a sede do Grupo Davies, a empresa de consultoria e negócios governamentais mais respeitada de Washington DC, que, acredito, ainda era tecnicamente a minha empregadora. Tirei as chaves do bolso e as agitei na frente de um painel cinzento ao lado da fechadura da porta. Nada aconteceu.

Mas Davies estava a minha espera. Ergui os olhos para a câmera de circuito fechado. A tranca se abriu com um chiado.

Na recepção, cumprimentei o chefe da segurança e reparei na pequena Glock que ele tinha tirado do coldre e segurava firme junto à coxa. Então, eu me voltei para Marcus, meu chefe, e acenei com a cabeça para dar um oi. Ele estava em pé do outro lado do detector de metal, fez um gesto para que eu entrasse e me apalpou do pescoço às canelas. Estava conferindo se eu não carregava nenhuma arma ou escuta. Marcus tinha feito uma bela e longa carreira com aquelas mãos, matando gente.

“Tire a roupa”, Marcus disse. Eu obedeci, tirei a camisa e a calça. Até Marcus estremeceu quando viu a pele do meu peito, enrugada ao redor dos grampos. Ele deu uma olhada rápida dentro da minha cueca e pareceu satisfeito por não encontrar nenhuma escuta. Voltei a me vestir.

“Envelope”, ele disse e fez um gesto para o pacote amarelo que eu carregava.

“Só depois que fizermos um acordo”, eu respondi. O envelope era a única coisa que me mantinha vivo, de modo que eu relutava um pouco em me separar dele. “Isso aqui vai desandar se eu desaparecer.”

Marcus assentiu. Esse tipo de acordo era uma prática padrão no setor. Ele mesmo tinha me ensinado. Então, conduziu-me para o andar de cima, para a sala de Davies, e ficou de guarda quando eu entrei.

Ali, em pé na frente das janelas, olhando para o centro de Washington DC, estava aquilo que mais me afligia, a opção que parecia ainda pior

que ser destrinchado por Rado: Davies. Ele se virou para mim com um sorriso de vovozinho.

“Que bom revê-lo, Mike. Fico feliz por ter decidido voltar para nós.”

Ele queria um acordo. Queria voltar a sentir que me possuía. E era disso que eu mais tinha medo: de dizer sim.

“Não sei como as coisas chegaram a este ponto”, ele disse. “O seu pai... sinto muito.”

Estava morto, desde a noite anterior. Obra de Marcus.

“Quero que você saiba que nós não tivemos nenhum envolvimento nisso.”

Eu não disse nada.

“Talvez seja bom você perguntar aos seus amigos sérvios sobre a questão. Nós podemos protegê-lo, Mike; podemos proteger as pessoas que você ama.” Ele me disse para sentar na outra ponta da mesa de reunião, e chegou um pouco mais perto. “Basta dizer sim, e estará tudo terminado. Volte para nós, Mike. Só é necessária uma palavra: sim.”

E isso era o mais esquisito em todos os jogos dele, em todo o tormento. No fim das contas, ele realmente achava que estava me fazendo um favor. Ele me queria de volta, pensava em mim como um filho, uma versão mais jovem de si mesmo. Precisava me corromper, me possuir, senão tudo em que acreditava, todo o seu mundo sórdido, seria uma mentira.

O meu pai preferiu morrer a entrar no jogo de Davies. Morrer com orgulho a viver corrompido. Ele caiu fora. Era tudo tão certo e claro para ele. Mas eu não podia me dar ao luxo. A minha morte seria apenas o começo do sofrimento. Eu não tinha nenhuma boa opção. E era por isso que eu estava ali, prestes a fazer um acordo com o diabo.

Coloquei o envelope na mesa. Dentro dele estava a única coisa de que Henry tinha medo: provas de um assassinato praticamente esquecido. Seu único erro. O único descuido em uma longa carreira. Era um pedaço de si mesmo que ele tinha perdido cinquenta anos antes, e queria de volta.

“Esta é a única confiança verdadeira que existe, Mike. Quando duas pessoas conhecem os segredos uma da outra. Quando uma encurrala a outra. Destruição mútua garantida. Qualquer outra coisa não passa de

sentimentalismo idiota. Eu me orgulho de você. É a mesma jogada que fiz quando estava começando.”

Henry sempre me dizia que todo homem tem seu preço. Ele tinha encontrado o meu. Se eu dissesse sim, teria minha vida de volta: a casa, o dinheiro, os amigos, a fachada respeitável que eu sempre quis. Se eu dissesse não, estaria tudo acabado para mim, para Annie.

“Diga o seu preço, Mike. Ele vai ser pago. Qualquer um que hoje é alguém fez um acordo como este no trajeto de ascensão. Assim é o jogo. O que me diz?”

Era uma barganha antiga. Troque sua alma pela glória de todos os reinos do mundo. Haveria negociação relativa aos negócios, claro. Eu não iria vender minha alma por pouco dinheiro, mas, de todo modo, a coisa foi resolvida bem rapidinho.

“Eu lhe entrego esta prova”, eu disse e bati o dedo no envelope, “e garanto que você nunca mais vai precisar se preocupar com ela. Em troca, Rado desaparece. A polícia me deixa em paz. Eu retomo a minha vida. E me torno sócio pleno.”

“E, a partir de agora, você é meu”, Henry disse. “Será sócio pleno para o trabalho molhado também. Quando encontrarmos Rado, você corta a garganta dele.”

Eu assenti.

“Então está combinado”, disse Henry. O diabo estendeu a mão.

Eu a apertei. E entreguei minha alma com o envelope.

Mas aquilo era bobagem, só mais um jogo. Morra na infâmia, com a honra intacta, ou viva na glória, corrupto. Eu não escolhi nenhuma das alternativas. Não havia nada no envelope. Eu estava tentando negociar de mãos vazias com o diabo. Assim, só havia uma escolha: vencê-lo em seu próprio jogo.

Eu estava atrasado. Conferi meu reflexo em um dos gigantescos espelhos dourados que haviam sido pendurados por todo lado. Havia círculos negros embaixo dos meus olhos por causa da falta de sono e um ralado novinho em minha testa. Fora isso a minha aparência era a mesma de todos os outros profissionais bem-sucedidos e em ascensão que circulavam pelo edifício Langdell Hall.

O curso se chamava Política e Estratégia. Eu entrei discretamente. Era só para quem tinha sido aprovado no processo de seleção — apenas dezesseis vagas — e tinha a reputação de ser uma plataforma de lançamento para futuros líderes nos ramos financeiro, diplomático, militar e governamental. Todos os anos Harvard convocava alguns pesos-pesados de Washington e de Nova York, que estavam entre o meio e o fim da carreira e os reunia para conduzir o seminário. O curso era essencialmente uma grande oportunidade para os aspirantes a estudantes profissionais — e não havia escassez deles pelo campus — poderem exibir suas habilidades de “pensar grande”, na esperança de que os chefões do sistema os acolhessem sob suas asas e os iniciassem em carreiras reluzentes. Eu examinei a mesa: figurões da faculdade de direito, economia e filosofia, e até alguns mestrandos, doutorandos. Os egos circulavam pela sala como o sopro do ar-condicionado.

Estava no terceiro ano da faculdade de direito — eu iria me formar ao mesmo tempo em direito e política — e não fazia ideia de como tinha conseguido ser aceito em Harvard e naquele curso. Mas aquilo era uma coisa bem típica dos últimos acontecimentos da minha vida, e eu não me preocupava muito. Talvez fosse apenas uma longa série de erros administrativos. Por isso eu sempre achava que, quanto menos perguntas fizesse, melhor.

Paletó, camisa social, calça social: eu bem que conseguia me encaixar

xar no papel, apesar de me sentir um pouco esfarrapado em comparação com os outros. Estávamos no ápice da conversa. O assunto era a Primeira Guerra Mundial. E o professor Davies olhava para nós cheio de expectativa, arrancando as respostas dos alunos como se fosse um inquisidor.

“Então”, disse Davies, “Gavrilo Princip dá um passo à frente e acerta um espectador com um tiro de sua pequena pistola Browning 1910. Ele atinge o arquiduque na jugular e depois acerta a esposa dele na barriga, quando ela protege o arquiduque com o corpo. Com isso ele acabava de dar início à Grande Guerra. A questão é a seguinte: por quê?”

Ele olhou firme para a classe. “Não regurgitem o que leram. Pensem.”

Eu observei os outros alunos se contorcerem. Davies podia ser classificado como peso-pesado, com absoluta certeza. Os outros alunos do curso tinham estudado a carreira dele com uma obsessão invejosa. Eu sabia menos, mas o suficiente. Ele era um velho trabalhador de Washington. Em um período que remontava há quarenta anos, conhecia todo mundo que importava, as duas camadas de pessoas abaixo daquela que importava e, o mais importante, sabia onde todos os corpos estavam enterrados. Ele tinha trabalhado para Lyndon Johnson, tinha sido consultor de Nixon e depois lançou suas próprias velas ao mar como uma pessoa que resolvia problemas. Agora, chefiava uma empresa de consultoria estratégica de alto padrão chamada Grupo Davies, que sempre me fazia pensar sobre Ray e Dave Davies da banda The Kinks (e isso deve servir para mostrar a vocês como eu definitivamente não fui feito para subir em uma carreira sanguinária na capital). Davies tinha influência e era capaz de negociá-la por qualquer coisa que quisesse, inclusive, como um dos sujeitos do curso observou, uma mansão em McLean, uma casa na Toscana e uma fazenda de quatro mil hectares na costa central da Califórnia. Já fazia algumas semanas que ele atuava como professor convidado do curso. Os meus colegas praticamente vibravam de ansiedade; eu nunca os tinha visto tão afoitos para impressionar. Isso me fez acreditar que, nas diversas órbitas de Washington DC, Davies tinha um poder de atração como o do sol.

O método de ensino típico de Davies era ficar sentado com placidez e estampar uma expressão agradável a seu tédio, como se estivesse escu-

tando um bando de alunos da segunda série vomitar fatos sobre dinossauros. Ele não era um homem especialmente grande, talvez tivesse um metro e setenta e cinco de altura, quem sabe um metro e oitenta, mas ele meio que... pairava. Era quase como se fosse possível enxergar a força de atração dele se espalhar pela sala. As pessoas paravam de falar, todos os olhos se voltavam para ele e, em pouco tempo, os presentes estavam enfileirados a seu redor feito limalha de ferro em volta de um ímã.

Mas a voz dele... isso era bem estranho. Era de se esperar que ressoasse, mas ele sempre falava com suavidade. Havia uma cicatriz em seu pescoço, bem no meio do encontro do maxilar com a orelha. As pessoas especulavam se aquele antigo ferimento teria algo a ver com seu tom de voz baixo, mas ninguém sabia o que de fato tinha acontecido. Não fazia muita diferença, já que a maior parte dos recintos ficava em silêncio quando ele abria a boca. Mas, em sala de aula, seus alunos ficavam desesperados para ser escutados, para ser notados pelo mestre. Todos tinham respostas alinhadas para as perguntas de Davies. Dar aula é uma arte: saber quando deixar os outros tagarelarem, quando interromper. É a mesma coisa que lutar boxe ou... lutar esgrima ou jogar squash ou praticar qualquer um dos outros passatempos das universidades de primeira linha.

O sujeito que sempre falava primeiro e que nunca concluía nada começou a discorrer sobre o movimento da Juventude da Bósnia até o olhar fixo de Davies meter-lhe medo. A voz do garoto foi definindo até se transformar em um balbucio. Uma agitação faminta se seguiu na medida em que todos sentiram o cheiro da fraqueza e começaram a latir um por cima do outro, despejando informações a respeito da Grande Sérvia contra os eslavos do sul, da Bósnia contra a Bósnia-Herzegovina, dos sérvios irredentistas, da Tríplice Entente e do padrão dos dois poderes.

Eu estava maravilhado. Não era apenas o conhecimento deles (e alguns desses sujeitos pareciam literalmente saber tudo — eu nunca tinha conseguido forçá-los para fora de suas profundezas). Era o jeito deles. Dava para ver a soberba em cada gesto; parecia que tinham dado seus primeiros passinhos enquanto os pais tomavam uísque *single malt*

e debatiam o destino das nações. Como se tivessem passado os últimos vinte e cinco anos debruçados em cima da história diplomática, passando tempo até os pais se cansarem de mandar no mundo e eles poderem assumir a direção. Eles eram tão... *tão desgraçadamente respeitáveis*. Eu costumava adorar observá-los, adorava a pequena vantagem que eu tinha conseguido conquistar, adorava pensar que finalmente poderia me fazer passar por um deles.

Mas não hoje. Eu estava com problemas. Não conseguia acompanhar o toma lá, dá cá; os pontos e as defesas, muito menos superar tudo isso. Em um dia bom, eu até teria alguma chance. Mas, hoje, todas as vezes que eu tentara me concentrar na micropolítica balcânica de cem anos antes, eu só via um número, grande e vermelho, piscando em minha mente. Estava também escrito em meu caderno: *83.539 dólares*, circulado e sublinhado, e seguido por alguns outros números: *43-23-65*.

Eu não tinha dormido nada na noite anterior. Depois do trabalho — eu era garçom de um estabelecimento *yuppie* chamado Barley —, fui à casa de Kendra. Achei que aceitar a proposta dela de “vem me comer” seria melhor do que dormir noventa minutos antes de precisar acordar para ler mil e duzentas páginas densas sobre teoria das relações internacionais. Ela tinha um cabelo preto no qual dava para se afogar e uma silhueta que convidava aos pensamentos mais escusos. Mas o principal atrativo dela talvez fosse o fato de que garotas chamadas Kendra, que trabalhavam em troca de gorjetas e não olhavam a gente no olho na cama, eram o oposto de tudo que eu disse a mim mesmo que desejava.

Eu saí da casa de Kendra e cheguei à minha por volta de sete horas naquela manhã. Logo percebi que algo tinha acontecido quando vi algumas das minhas camisetas na escadinha da entrada e a poltrona reclinável velha e bamba de meu pai jogada na calçada. A porta da frente do apartamento tinha sido forçada, e de um jeito bem grosseiro. Parecia que um urso negro feroz tinha feito aquilo. Itens desaparecidos: minha cama e a maior parte da mobília, as luminárias e os eletrodomésticos pequenos. O resto das minhas coisas tinha sido espalhado por todos os lados.

Tinha gente remexendo meus pertences na calçada como se fosse uma grande distribuição gratuita no final de uma venda de artigos usa-

dos. Enxotei todo mundo e juntei o que tinha sobrado. A cadeira reclinável estava a salvo: pesava tanto quanto um carro e exigiria um bom planejamento, além de um par de carregadores para levar embora.

Enquanto eu ia ajeitando o interior do apartamento, reparei que o Serviço de Cobrança de Dívidas Crenshaw não tinha visto valor na *História da guerra do Peloponeso*, de Tucídides, nem na pilha de cinco dedos de grossura do material que precisava ser lido antes da aula, dali a duas horas. Tinham deixado para mim um bilhetinho romântico na mesa da cozinha: *Móveis e equipamentos levados como parte do pagamento. Valor restante da dívida: US\$ 83.359*. Notável. Eu diria até: espetacular. Àquela altura, eu conhecia as leis o suficiente para notar, em um só vislumbre, cerca de sete falhas fatais em relação ao método de recolhimento de dívidas de Crenshaw, mas aquelas pessoas eram tão impiedosas quanto percevejos, e eu estava duro demais, tentando pagar a faculdade, para demolir a empresa em um processo. Mas esse dia chegaria.

Supostamente, as dívidas dos pais morrem com eles, são acertadas com o inventário. No meu caso não foi assim. Os oitenta e três mil eram o resto da dívida pelo tratamento do câncer de estômago da minha mãe. Ela já tinha partido àquela altura. E se posso dar um conselho a você, é o seguinte: se a sua mãe estiver morrendo, nunca pague as contas do hospital com o seu talão de cheques pessoal.

Porque alguns credores desagradáveis, gente como Crenshaw, vão tomar isso como pretexto para ir atrás de você depois que ela morrer. Vão dizer que você assumiu as dívidas de maneira tácita. Isso não é exatamente legal. Mas não é o tipo de coisa que você sabe que deve tomar cuidado quando tem dezesseis anos e as contas de radioterapia começam a chegar e você está tentando manter a sua mãe viva com horas extras de trabalho na doceira Milwaukee Frozen Custard e o seu pai está cumprindo pena de vinte e quatro anos no Complexo Federal de Correção Allenwood.

Eu já passei por esse tipo de incômodo vezes demais para perder meu tempo sentindo raiva. Dessa vez, eu faria de novo o que sempre fazia. Quanto mais todas essas coisas do passado tentavam me arrastar para baixo, mais eu ralava para ficar por cima. E isso significava construir um muro ao redor deste pequeno desastre, significava estudar o máximo

possível antes da aula para não parecer um idiota no curso de Davies. Levei o meu material para a calçada e ajeitei a poltrona de meu pai. Eu me estiquei e mergulhei em alguns ensaios de Churchill enquanto o trânsito passava.

Mas, quando consegui chegar à aula, eu tinha desabado. Minha energia advinda do fato de ter transado tinha se esvaído, assim como o arroubo de entusiasmo que eu sentia em desafiar Crenshaw. Para entrar na aula, eu tive que passar pela catraca do Langdell Hall. Eu me juntei à longa fila de alunos que passavam a carteirinha e giravam a roleta, apressados para chegar no horário. Mas o meu documento fez a luzinha piscar vermelha, não verde. A barra de metal trancou e fez os meus joelhos dobrarem para trás. A metade superior do meu corpo continuou seguindo em frente, o que me proporcionou uma daquelas quedas lentas e agonizantes em que você se dá conta do que está acontecendo, mas não pode fazer nada, até cair de cabeça, com tudo, sobre uma fina camada de carpete que esconde o piso de cimento.

A aluna bonitinha de graduação que estava atrás do balcão foi bem legal ao me explicar que eu devia dar uma passada na tesouraria para verificar se havia alguma mensalidade atrasada. Depois, ela pegou seu frasco de líquido para esterilizar as mãos. Crenshaw devia ter entrado nas minhas contas bancárias e ferrado com o pagamento da faculdade, e Harvard encarava o seu pagamento com tanta seriedade quanto Crenshaw. Eu precisei dar a volta no prédio e me esgueirar para dentro atrás de um sujeito que tinha saído para fumar um cigarro na área de carga e descarga.

Na aula, acho que o meu estado desconjuntado pareceu bem óbvio a todos. Eu me sentia como se Davies estivesse olhando para mim o tempo todo. Foi quando eu pressenti a sua chegada. Lutei contra aquilo com todos os músculos do meu corpo, mas às vezes não há nada que se possa fazer: eu tive que bocejar. E aquele foi grande, grande como o de um leão. Não havia como esconder.

Davies se fixou em mim com um olhar de adagas afiadas por só Deus sabe quantas vezes — ele tinha o costume de olhar nos olhos líderes sindicais e agentes da KGB.

“Está se sentindo entediado, senhor Ford?”, ele perguntou.

“Não, senhor.” Uma terrível sensação de vazio cresceu em meu estômago. “Peço desculpas.”

“Então, que tal compartilhar as suas ideias a respeito do assassinato?”

Os outros até tentaram esconder como estavam contentes: um aluno exemplar a menos para superar. Os pensamentos que me distraíam na aula eram esses: *Não posso me livrar de Crenshaw até me formar em direito e arrumar um emprego decente, e não vou conseguir nenhum dos dois antes de me livrar de Crenshaw. Isso me deixa com os oitenta e três mil que devo a Crenshaw e os cento e sessenta mil que devo a Harvard e que não vou ter como pagar.* Tudo que eu tinha ralado durante os últimos dez anos, toda respeitabilidade que preenchia aquela sala, estava prestes a escorrer pelas minhas mãos e ir embora para sempre. E na raiz disso tudo: o meu pai, o condenado, que se meteu com Crenshaw para começo de conversa, que me deixou como homem da casa aos doze anos, que devia ter feito o favor ao mundo de bater as botas em vez da minha mãe. Eu o imaginei, imaginei seu sorriso de desdém e, por mais que tentasse, não conseguia pensar em outra coisa além de...

“Vingança”, eu respondi.

Davies colocou a haste dos óculos na boca. Estava esperando que eu prosseguisse.

“Quer dizer, Princip é absurdamente pobre, certo? Seis de seus irmãos morreram, e os pais tiveram que entregá-lo porque não podiam alimentá-lo. E ele acha que a única razão por que é incapaz de avançar na vida é devido aos austríacos que estão com o pé no pescoço da família dele desde que ele nasceu. Ele é magrelo; os guerrilheiros o expulsaram a risadas quando ele tentou se juntar a eles. Ele só era um zé-ninguém tentando causar furor. Os outros assassinos perderam a coragem, mas ele... ele estava, bem, puto da vida como ninguém. Ele tinha algo a provar. Vinte e três anos de ressentimento. Então, ele faria o que fosse preciso para ganhar nome, mesmo que isso significasse matar. Principalmente se isso significasse matar. Quanto mais perigoso fosse o alvo, melhor.”

Meus colegas me direcionaram seus olhares de desprezo. Eu não falava muito durante as aulas e, quando o fazia, tentava falar um inglês polido, que soasse elevado, como faziam todos os outros em Harvard, e não com o tom casual que tinha acabado de usar. Esperei que Davies me

despedaçasse. Eu falei igual a um moleque de rua, não como um jovem que começava a se destacar dentro do sistema.

“Nada mau”, ele disse. Pensou por um momento, então olhou ao redor da sala. “Estratégia grandiosa, guerra mundial. Vocês todos estão se deixando levar por abstrações. Nunca percam de vista o fato de que, no fim das contas, tudo se resume aos homens. Alguém tem de puxar o gatilho. Se você quer liderar nações, precisa começar pela compreensão de um único homem, de seus desejos e medos, dos segredos que ele não admite e dos quais pode ser que nunca tenha consciência. Essas são as alavancas que movimentam o mundo. Todo homem tem um preço. E, uma vez que você descobre qual é, você se torna dono dele, de seu corpo e de sua alma.”

Depois da aula, eu estava com pressa para me limpar e dar conta do desastre em meu apartamento. Uma mão me deteve. Eu meio que estava esperando que fosse Crenshaw, pronto para me humilhar na frente da gente cortês de Harvard.

Talvez tivesse sido melhor; era Davies, com seu olhar afiado e a voz sussurrada.

“Eu gostaria de conversar com você”, ele disse. “Na minha sala, às dez e quarenta e cinco.”

“Maravilha”, eu respondi, na melhor tentativa de permanecer calmo. Talvez ele tivesse reservado a demolição para uma reunião particular. Quanta classe.

Eu estava precisando de comida e de sono, mas um café teria de substituir os dois. Eu não tinha tempo para voltar até o apartamento, e sem realmente pensar, caminhei até o Barley, o bar onde eu trabalhava. A única coisa que preenchia a minha cabeça era aquele número, 83.359 dólares, e a aritmética infundável e ridícula de como eu nunca seria capaz de pagar tudo.

O bar era uma caixa pretensiosa com janelas demais. A única pessoa que estava lá era Oz, o gerente, que servia no bar alguns turnos durante a semana. Foi só depois que me apoiei no balcão de carvalho e tomei o primeiro gole de café amargo que eu me recompus. Eu não tinha ido até

lá em busca de cafeína. Repassei os números na cabeça: 46-79-35, 43-23-65, e assim por diante. Eram as combinações de um cofre Sentry.

Oz, que também era genro do dono, estava tirando dinheiro do estabelecimento. E não era só um pouco aqui e ali, “encolhimento” do varejo. Ele estava roubando mesmo. Eu tenho observado o joguinho dele há um tempo, vendendo amostras grátis e enfiando o dinheiro no bolso, cobrando a metade da conta dos clientes assíduos e nunca registrando nada no caixa. E tirar um volume assim tão grande da gaveta do caixa toda noite devia ser um pouco difícil, já que ele teria de fazer isso enquanto todos nós estávamos por ali, esperando para receber as gorjetas. Por isso, eu tinha certeza, certeza absoluta de que o imbecil guardava tudo no cofre. Simplesmente dava para ver. Provavelmente porque o que ele fazia era basicamente uma versão desajeitada do que eu faria se fosse ele e não tivesse jurado há muito tempo que não ia mais trapacear. O termo acadêmico é *oportunismo alerta*. Isso significa que, se você tem olhos de criminoso, enxerga o mundo de uma maneira diferente, como uma coleção de potes de doce à disposição. Eu estava começando a ficar preocupado comigo mesmo, porque, agora que precisava de dinheiro, e muito, tudo parecia pular para cima de mim mais uma vez: carros destrancados, portas abertas, bolsas soltas, fechaduras vagabundas, entradas escuras.

Por mais que eu tentasse, não conseguia esquecer o treinamento que recebi como aprendiz, da experiência que obtive de modos escusos. Eu não conseguia ignorar todos esses convites para me desviar. As pessoas pareciam achar que os ladrões tinham de arrombar fechaduras, escalar calhas e forçar janelas. Mas, geralmente, eles só precisavam ficar de olhos abertos. O dinheiro é largado por aí por sujeitos honestos que não acreditam que há pessoas como eu nas proximidades. A chave escondida, a garagem aberta, a senha que é a data de casamento. Está tudo lá para ser recolhido. E o mais engraçado: quanto mais certinho eu fiquei, mais fácil ficou cometer uma infração. Parecia que as pessoas viviam querendo me testar depois de tantos anos limpo. Na pele de um estudante de pós-graduação, inofensivo, de camisa social, eu provavelmente poderia ter saído do banco Cambridge Savings and Trust com um saco de lixo cheio de notas de cem e um revólver no cinto enquanto o segurança que vigiava a porta me desejava bom fim de semana.

Oportunismo alerta. Foi assim que eu percebi que Oz trancava o cofre sem mudar o segredo todo, de modo que só precisava ajeitar o último número para abrir. Foi assim que eu descobri que o número era sessenta e cinco. Foi assim que eu me lembrei de que os cofres Sentry saem de fábrica regulados com apenas um punhado de códigos — chamados de experimentais — e, portanto, se o código de Oz terminava em sessenta e cinco, era quase certeza que alguém antes dele tinha sido preguiçoso demais para mudar a combinação original de fábrica: 43-23-65. Foi assim que eu notei que Oz mal era capaz de calcular uma gorjeta, muito menos de estimar a parte dele adequadamente, e que as bebedeiras dele tinham degringolado: às dez e meia da manhã ele já estava na metade de uma dose de uísque Jameson em uma caneca com um pouco de café por cima. E mesmo que ele reparasse que algo estava faltando, para quem ele reclamaria? Não existe honra entre ladrões, certo?

Oz tinha colocado as gavetas do caixa em cima do balcão. Ele as levou para o escritório. Ouvi o cofre se abrir e fechar. Ele saiu de lá e disse: "Vou comprar cigarro. Você pode ficar de olho em tudo?".

A oportunidade bateu. Eu assenti.

Peguei meu café, fui até o escritório e tentei abrir o cofre. Já estava aberto. Jesus. Ele estava praticamente implorando. Examinei o conteúdo e contei cerca de quarenta e oito mil dólares em maços de notas e talvez mais uns dez mil em notas empilhadas. Oz estava bem atrasado nos depósitos.

Havia duas maneiras de jogar: eu podia ir pegando a parte de Crenshaw aos poucos e fazer com que ele largasse do meu pé tempo suficiente para eu me formar. Ou podia simplesmente dar uma passada antes de amanhecer e pegar tudo. A porta dos fundos do bar era igual à da Casa da Moeda, mas a da frente dava para abrir com um pé de cabra em um minuto e meio — típico. Ninguém sairia machucado. Sempre que há sinal de arrombamento, o seguro paga. Eu conferi as gavetas de cima da escrivaninha, depois o quadro de cortiça e, claro, lá estava, espetado na parede, com a caligrafia de terceira série de Oz: 43-23-65 — a combinação. Implorando para mim.

Eu precisava pagar Harvard naquela semana. Caso contrário não iria me formar. Todo aquele esforço desperdiçado. O sangue bombea-

va. Um calafrio me percorreu. Foi uma sensação gostosa. Gostosa de verdade. Eu tinha sentido falta dela. Havia dez anos eu estava limpo; agora era um rapaz de destaque, cheio de iniciativa. Eu não tinha me desviado, não tinha pego nem um chocolate do setor de doces a granel do supermercado.

Ficar ali na frente daquele cofre aberto dava uma sensação boa. A sensação era boa demais. Estava no meu sangue. E eu sabia que aquilo iria me destruir — como fez com meu pai, como fez com minha família — se eu lhe desse a menor das chances. Reparei em minha camisa social, nos mocassins, em Tucídides na capa do livro olhando para mim.

“Caramba”, eu murmurei. Quem eu queria enganar? Que inferno! Eu era respeitável demais para ser desviado. E, de algum modo, era desviado demais para ser respeitável. Eu engoli o resto do meu café e olhei para a caneca vazia. Eu tinha escolhido ser honesto muito tempo antes e iria continuar assim, mesmo que isso me matasse.

Fechei a porta do cofre.

Eu tinha imaginado a sala de Davies como um cenário de filme da Segunda Guerra Mundial: uma sala com mapas e globos do tamanho de um homem, ele deslocando exércitos por cima de cartas geográficas de mesa com um ancinho de crupiê. Em vez disso, Harvard o tinha alojado em uma sala parca no Littauer Hall, com móveis de compensado de cerejeira de uma loja de materiais para escritório e nenhuma janela.

Sentado na frente dele, eu tive uma estranha sensação de *déjà-vu*. Ele parecia crescer enquanto me observava, e eu me lembrei de como era estar bem no meio do tribunal com um juiz olhando para mim de cima.

“Preciso pegar a ponte aérea de volta para Washington daqui a alguns minutos”, Davies disse. “Mas eu queria conversar com você. Você fez um estágio de verão no escritório de Damrosch & Cox?”

“Sim, senhor.”

“Tem planos de trabalhar lá depois de se formar?”

“Não”, respondi.

Isso é bem fora do comum. O verdadeiro trabalho que fazemos durante a faculdade de direito se dá no primeiro ano e meio, quando esta-

mos de olho em um estágio de verão. Aí, no estágio, eles te levam para tomar vinho e jantar bem e pagam um dinheirão para compensar os sete anos seguintes de inferno por que eles vão fazer você passar quando for contratado. Quando se faz um estágio de verão, o emprego está mais ou menos garantido depois da formatura, a menos que você foda com tudo. Damrosch & Cox não me convidaram para voltar.

“Por que não?”, Davies perguntou.

“A economia está difícil”, eu respondi. “E eu sei que não sou o candidato típico.”

Davies pegou algumas folhas de papel e deu uma olhada nelas. O meu currículo. Ele devia ter pedido a minha papelada no departamento de Planos de Carreira.

“O seu chefe no Damrosch & Cox disse que você era excelente, uma força natural.”

“Foi muito gentil da parte dele.”

Davies ajeitou os papéis e os apoiou na mesa.

“Damrosch & Cox são um par de almofadinhas esnobes da porra”, ele disse.

Aquilo também fazia parte da minha teoria para explicar por que eles não tinham me contratado. Mesmo assim demorei um segundo para processar as palavras de Davies. A empresa dele bem que tinha um funcionário que poderia acabar com facilidade com aquele par-de-almofadinhas-esnobes-da-porra.

“Você entrou para a Marinha aos dezenove, quando a maior parte dos seus amigos provavelmente passava um ano sem estudar, enchendo a cara na Europa. Foi o principal oficial não comissionado. Fez um ano na Faculdade Júnior de Pensacola e depois se transferiu para a Universidade Estadual da Flórida, onde se formou como o primeiro da turma, nos dois anos. Suas médias são quase perfeitas. Agora, faz pós-graduação na Faculdade Kennedy e direito em Harvard. E”, ele conferiu outro papel, “você vai terminar o curso de quatro anos em três. Como está pagando tudo isso?”

“Empréstimos.”

“Uns cento e cinquenta mil dólares?”

“Mais ou menos. Eu trabalho em um bar.”

Davies pareceu conferir as olheiras embaixo dos meus olhos.

“Quantas horas por semana?”

“Quarenta, cinquenta.”

“E tem as notas mais altas.” Ele sacudiu a cabeça. “Vou fazer esta pergunta pois você fez um bom trabalho ao entender qual foi a motivação de Princip. O que acendeu seu fogo?”

Então, aparentemente, aquilo era uma entrevista de emprego. Eu tentei pensar nos chavões de sempre a respeito da minha ética de trabalho, convocar meu lado sedento por boas notas, mas eu realmente não sabia como agir naquela situação. Davies facilitou.

“Eu preferiria que você não me enrolasse”, ele disse. “Eu chamei você aqui porque, com base no que disse na aula, você realmente parece ter uma noção sobre o mundo real, sobre o que motiva os homens. O que motiva você?”

Ele iria descobrir cedo ou tarde, então eu achei que era melhor falar logo. Aquilo tinha sido eliminado do meu histórico, mas eu nunca poderia apagar completamente. Gente como os sócios de Damrosch & Cox sempre conseguiam descobrir. Parecia que sentiam o cheiro.

“Eu me meti em alguns problemas quando era novo”, respondi. “O juiz me deu uma escolha fácil: alistar-me ou ir para a prisão. A Marinha me endireitou, e a disciplina ficou. Eu gostava da rotina, do ímpeto, e trouxe isso para os estudos.”

Ele pegou os arquivos da mesa e guardou-os em sua pasta, depois se levantou. “Muito bom”, ele disse. “Gosto de saber com quem estou trabalhando.”

Olhei para ele, confuso com a parte do “com quem estou trabalhando”. Geralmente, quando as pessoas captavam algum indício de quem eu realmente era, faziam com que eu saísse na hora (“economia difícil” ou “você não é o nosso tipo de homem”). Davies não.

“Você vai trabalhar para mim”, ele disse. “Vamos começar com duzentos mil por ano. Bônus de trinta por cento com base no seu desempenho.”

“Aceito.” Eu me ouvi dizer isso antes mesmo de ter oportunidade de pensar.

Naquela noite, eu dormi em um colchão de ar que chiava em meio

ao apartamento vazio. Eu precisava acordar a cada duas horas para voltar a encher-lo. A manhã demorou muito para chegar e — a certa altura, eu me lembro —, percebi que quando Davies disse que eu iria para Washington ele estava me dando uma ordem, não fazendo um pedido.